



AGRICULTURA FAMILIAR E FUMICULTURA: O CASO DOS PRODUTORES INTEGRADOS DA COLÔNIA FAVILA - CANGUÇU-RS

**MOURA, Lucimára dos Santos de^{1,2}; RIBEIRO, Veridiana Soares^{1,3};
SALAMONI, Giancarla^{1,4}; COSTA, Adão José Vital da^{1,5}.**

¹*Integrantes do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais - LEAA -DEGEO/ICH/UFPEL
Rua Alberto Rosa, 154, Centro. Pelotas-RS. CEP: 96010-770*

²*Acadêmica do curso de Geografia, Bolsista de Graduação-
luci_samou@hotmail.com*

³*Acadêmica do curso de Geografia-Bolsista de Extensão- PROBEC -
veridiana_ribeiro@yahoo.com.br*

⁴*Professora Orientadora e Coordenadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais-
gi.salamoni@yahoo.com.br*

⁵*Professor Doutorando e Colaborador do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais.
vital.costa@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a caracterização dos agricultores familiares produtores de fumo, na Colônia Favila, município de Canguçu - RS, integrados a cadeia produtiva. Procura-se verificar como esses produtores mantêm suas características da agricultores-policultores e quais os produtos são destinados para o mercado. Além disso, em algumas situações, como é o caso do fumo, o que produzir, quanto produzir e como produzir são exigências estabelecidas exteriormente às unidades familiares e representam a perda da sua autonomia no processo produtivo, no entanto, algumas características como a utilização da mão de obra familiar não são abandonadas pelas unidades de produção.

A problematização da presente pesquisa se estabelece a partir do questionamento: Quais são os conflitos que existem entre o marco legal (legislação), as orientações dos técnicos das empresas fumageiras e as práticas dos agricultores com relação ao uso de insumos químicos - agrotóxicos - utilizados na produção de fumo?

2. METODOLOGIA

A pesquisa em desenvolvimento tem como meta analisar, em linhas gerais, a agricultura familiar e a expansão da fumicultura no Rio Grande do Sul, especificamente na Colônia Favila, município de Canguçu. Para a realização deste trabalho foi realizado um breve levantamento bibliográfico para estabelecer o embasamento teórico-metodológico a ser utilizado, além de informações coletadas a partir de observações preliminares na área de estudo. Para o desenvolvimento e execução das próximas etapas da pesquisa serão realizadas

pesquisas de campo com fumicultores, residentes na localidade, a fim de caracterizar a produção familiar de fumo. Nessa etapa serão aplicadas entrevistas, questionário semi-estruturado junto aos produtores, além de anotações complementares de campo, levantamento fotográfico e georreferenciamento das unidades pesquisadas. Para a análise das práticas agrícolas serão analisados os sistemas de cultivos, as técnicas utilizadas, principalmente no que se refere ao uso de agrotóxicos, a forma de comercialização e integração com os complexos agroindustriais. Além disso, identificar quais os produtos que os agricultores ainda produzem e os que já foram substituídos.

3. RESULTADOS E DISCUSSOES

A agricultura continua sendo uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento de qualquer país, pois é ela quem comanda a organização econômica da sociedade. Além disso, a maior parte da riqueza existente no Brasil hoje se deve a agricultura. É preciso ressaltar, também, que foi devido a esta atividade que se assentou à ocupação e exploração da maior e melhor parte do território brasileiro. (PRADO Jr., 1981)

No que se refere às chamadas culturas de subsistência, assim denominadas por Prado Jr. (1981) e praticadas nos moldes da agricultura familiar, foram deixando de servir basicamente ao consumo e passaram a abastecer os mercados urbanos, como é o caso de alguns gêneros alimentícios como feijão, batata, hortifrutigranjeiros, leite, aves, ovos, entre outros. Por outro lado, a agricultura familiar, também, se tornou responsável pela produção de matérias primas destinadas ao processamento industrial e voltadas para o mercado externo, como é o caso do fumo. Este inclusive foi um dos primeiros cultivos agrícolas com finalidade comercial a se desenvolver no Rio Grande do Sul. Desta forma, a produção do fumo se desenvolveu nas unidades produtivas, em pequena escala no que se refere à área ocupada, mas intensiva no uso de mão de obra não remunerada, como esclarece Schuch:

O fumo no Brasil caracteriza-se pela grande utilização de mão-de-obra familiar, representando 92% do total de agricultores envolvidos no processo de produção. Apenas 8% dos trabalhadores na cultura são contratados e em sua grande maioria de forma eventual. (SCHUCH, 2003, p. 11)

Atualmente, devido à modernização dos processos agrícolas houve um maior rendimento da produção e da produtividade e os agricultores familiares se integraram aos complexos agroindustriais, pois assim teriam a venda de sua produção garantida pela indústria, como é o caso do fumo. Devido a isso, o produtor se viu obrigado a seguir as orientações dadas pelas grandes empresas no sentido de quanto produzir e de como produzir, para adequar o produto aos padrões de qualidade compatíveis com os mercados internacionais, tornando-se dependente do fornecimento da orientação técnica e de insumos necessários ao processo produtivo.

O processo de dependência e subordinação às empresas fumageiras começa com o início do ciclo produtivo, quando os instrutores das empresas visitam os

agricultores tentando convencê-los a plantar fumo para as empresas que representam. O vínculo se concretiza com um pedido de financiamento feito pelos produtores para a compra de sementes, insumos e defensivos, quando então se estabelece um pacto entre o agricultor e a empresa, onde a empresa se compromete a fornecer assistência técnica e os insumos necessários e o produtor compromete-se a lhe “entregar” a sua produção.(ETGES, 1991, p.120)

Com a vinculação do produtor de fumo aos complexos agroindustriais este diminuiu, consideravelmente, a produção dos gêneros alimentícios devido ao fato de não ter a compra de sua produção garantida pelo mercado e também de não ter seus produtos valorizados e, passou a produzir em maior escala o fumo. Desta forma não percebe que no final da safra esta produção, também, lhe traz rendimentos relativos, pois a maioria não contabiliza os custos com a mão-de-obra. No entanto, é necessário pensar alternativas para os sistemas de produção agrícola familiar, no sentido de conciliar os conhecimentos tradicionais dos agricultores em relação aos agroecossistemas e os programas voltados para o desenvolvimento rural. Segundo a visão de Prieb,

As políticas públicas precisam considerar um conhecimento profundo das práticas dos agricultores familiares, abrangendo uma pluralidade nas ações com monitoramentos e organização de projetos concretos, que envolvam de forma participativa as comunidades rurais que anseiam pela viabilização de alternativas que venham inclusive a substituir a produção do fumo, caso conseguissem renda semelhante ou superior a que o fumo oferece, noutras atividades. (PRIEB, 2005, p.160-161)

No que se refere à dependência de insumos químicos (fertilizantes, agrotóxicos) sabe-se que a utilização acentuada destes produtos vem provocando contaminação do solo, da água, do ar e desequilibrando os agroecossistemas. Essa deterioração ambiental tem sido acompanhada de um correspondente aumento das patologias humanas (doenças crônicas e degenerativas, distúrbios psicológicos, entre outras). De acordo com Salamoni e Gerardi:

O uso indiscriminado de agrotóxicos em ecossistemas naturalmente diversificados e de equilíbrio instável, acentua os desequilíbrios biológicos e induz o surgimento de resistência de insetos, patógenos e plantas invasoras aos produtos químicos, a ressurgência e o aparecimento de pragas secundárias, a contaminação ambiental dos alimentos e a intoxicação dos trabalhadores rurais. (SALAMONI e GERARDI, 2002, p.123)

Cabe ressaltar, que as preocupações ambientais não se resumem à contaminação química sobre os ecossistemas, resultado da atividade agrícola, mas também a garantia de manutenção da capacidade produtiva de sua base de recursos naturais.

4. CONCLUSÃO

A agricultura familiar integrada ao complexo fumageiro na Colônia Favila, em Canguçu, ocupou o espaço agrícola com base na pequena propriedade de caráter familiar. Devido à modernização da agricultura, ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, esse segmento produtivo, responsável pela produção de fumo,

passou por significativas transformações na forma de produzir, na utilização da tecnologia e no crescente uso de agrotóxicos.

Assim, o que se observa é que devido a essa modernização, juntamente com as garantias de compra, financiamentos e assistência técnica que as empresas fumageiras oferecem, os agricultores produtores de fumo reduziram a área destinada a produção de alimentos e passaram a utilizar intensivamente a disponibilidade de mão-de-obra existente no interior das unidades familiares. Com isso, os agricultores se vêem obrigados a comprar determinados produtos para o seu autoconsumo, os quais historicamente eram produzidos pelas famílias.

Fica evidente que as demandas externas à unidade de produção familiar, baseadas em critérios puramente econômicos, produzem irracionalidades ecológicas, tanto na organização interna dos agroecossistemas quanto na degradação dos recursos naturais, necessários à reprodução da sociedade como um todo (contaminação das reservas hídricas, dos solos, dos alimentos).

5. REFERÊNCIAS

ETGES, Virgínia E. **Sujeição e resistência: Os Camponeses Gaúchos e a indústria do fumo**. Porto Alegre: FEE, 1989.

PRADO Jr., Caio. Grande lavoura e agricultura de subsistência. In: **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRIEB, Rita I. P. **Pluriatividade na Produção Familiar Fumageira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SALAMONI, G; GERARDI, L.H.O. Agroquímica e fumicultura no Rio Grande do Sul. Rio Claro - SP, **Geografia**, v.27, n.2, p.121-130, 2002.

SCHUCH, Heitor. **Culturas Gaúchas: Fumo**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2003.